

África



APRESENTAÇÃO

A equipe do **GabaritaGeo** produziu um e-book contando uma pequena parte da história da África. O conteúdo procurou construir uma narrativa que evidenciasse os processos de colonização e exploração que o continente sofreu, relacionando os avanços, iniciados no mercantilismo, junto a todas as ações imperialistas que, a partir de então, passaram a considerar a África - infelizmente - como um espaço de coleta e sequestro do poder mundial.

Negar a história do continente africano é negar parte da identidade brasileira.

Boa leitura! Juntos somos mais fortes!!!

Equipe GabaritaGeo

ONDE TUDO COMEÇOU

Hoje, quando se olha para o continente africano, infelizmente se analisa sobre uma ótica estereotipada de grande miséria, guerras e doenças. No entanto, o continente africano é para além desses problemas sociais. O espaço, que hoje é bastante inferiorizado pelo capital, foi berço das primeiras organizações humanas pelo que se tem notícia.

Por volta de 10.000 anos, a África era habitada por povos caçadores e coletores, que transitavam no interior do continente num constante nomadismo para garantir sua sobrevivência, porém, conforme criavam técnicas de sobrevivência, passaram então também a cultivar e domesticar algumas plantas, o que vai marcar o início da Revolução Agrícola, ou o nascimento da agricultura africana, período que marca o início do Neolítico. O arroz e o sorgo foram os primeiros vegetais a serem cultivados.

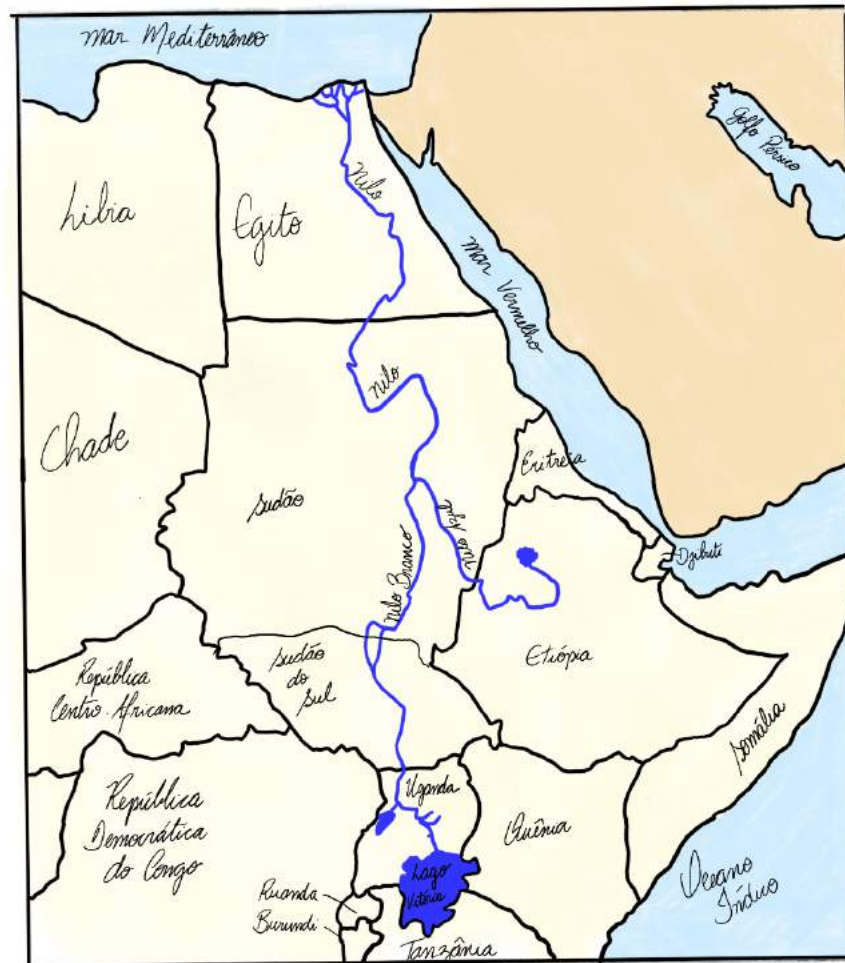
Com isso, a população passou a transitar de um modelo nômade para uma lógica sedentária, passando a controlar os rios do interior do continente e conseqüentemente desenvolveram técnicas na domesticação e criação de animais.



De pequenos grupos nômades a grandes civilizações.

A região do vale do rio Nilo, por volta de 7000 a.C., ofereceu, para aqueles que outrora eram grandes nômades, condições perfeitas de instalação em suas margens, possibilitando a partir das cheias do Nilo o aumento da agricultura e a organização de grandes complexos sociais. A partir de então, e com o tempo de cultivo, nasce, por volta de 4000 a.C, uma das maiores civilizações da história, a egípcia que, para além de desenvolver uma civilização extremamente complexa, passou a utilizar a natureza como elemento de servidão ao homem, como se vê com o barro do Nilo, que virou potes e jarros de cerâmica, criando condições de armazenamento do alimento e aumento da estocagem.

Rio Nilo





De pequenos grupos nômades a grandes civilizações.

O boom técnico foi tão grande que houve a necessidade de separar as atividades, bem como de criar a escrita e organizar um sistema de produção que atendesse a todos.

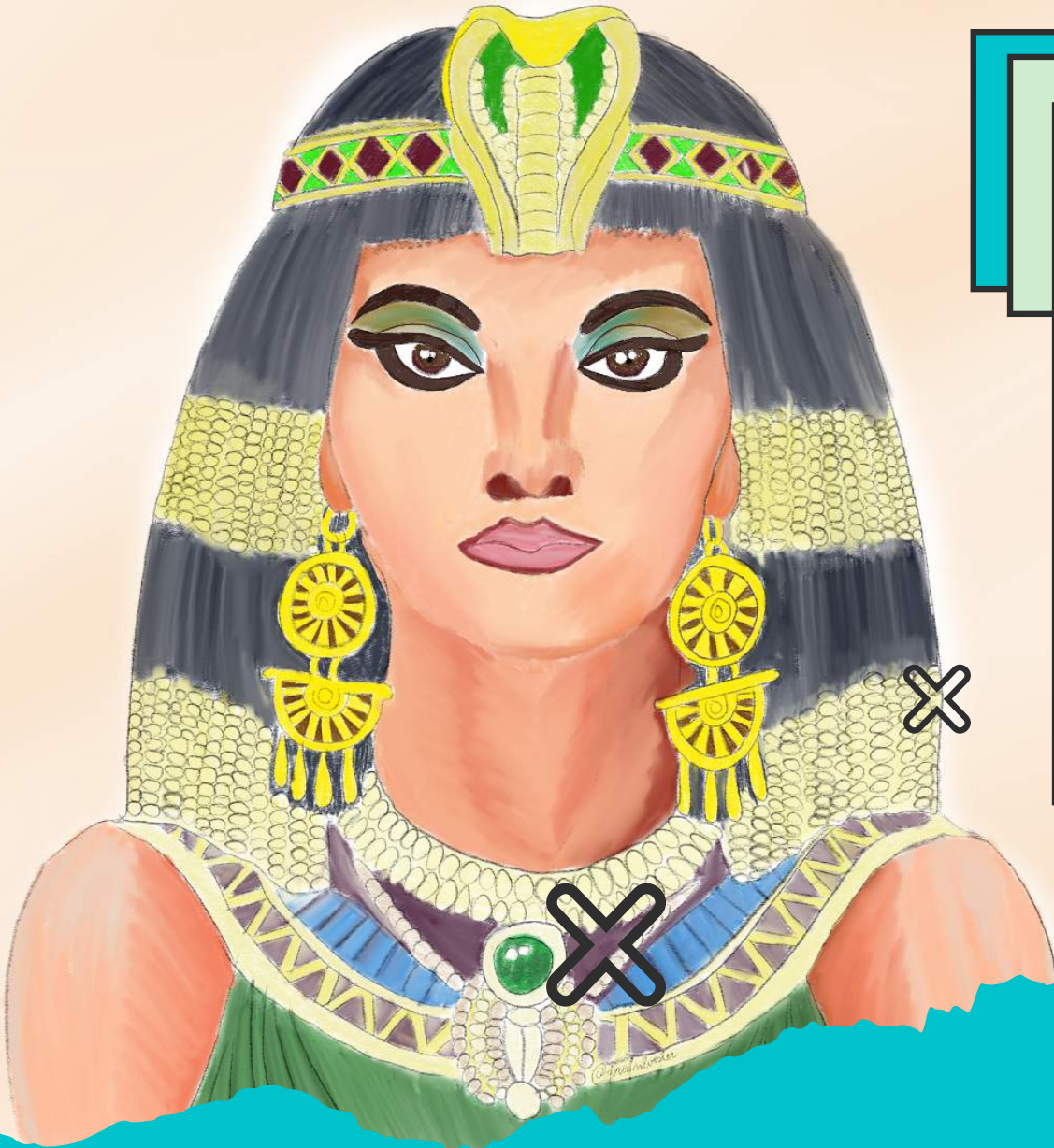
O historiador Heródoto diz que o Egito é uma “dádiva do Nilo”, mas não, a civilização egípcia é criação do homem africano que, além de se estabelecer, criar e domesticar animais, desenvolveu técnicas para controlar o rio Nilo, construindo diques e canais de irrigação num tempo que jamais seria possível se o homem africano não tivesse pensado.

Rio Nilo



A África apresentou o matriarcado.

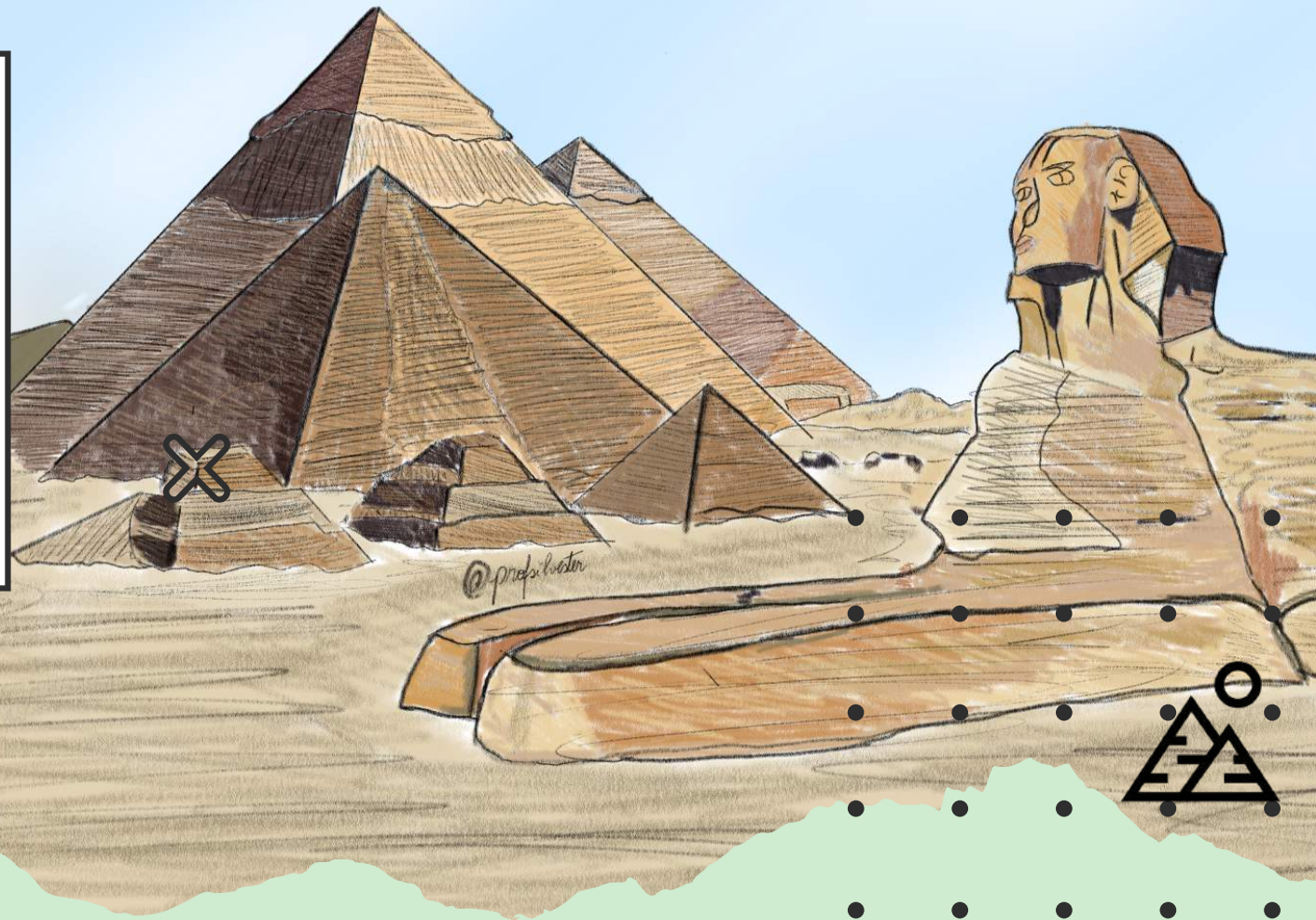
A história sempre nos apresentou um sistema em que as mulheres são subjugadas por todo um sistema machista, basta analisar as concepções europeias de valorização da filosofia, da política, da economia e da cultura pelos homens. Mas, nem sempre foi assim; a África, com suas grandes civilizações, tinha na mulher o papel de liderança, basta analisar a mais famosa de todas, a rainha egípcia **Cleópatra** que chegou a quase derrubar um grande império europeu, o romano.



A África apresentou o matriarcado.

Por volta de 4000 a.C., uma grande civilização, onde hoje se localiza o Sudão, desenvolveu-se sobre a tutela de um matriarcado, forma de organização em que predomina a autoridade feminina ou materna. Era a civilização **Núbia**.

A Núbia era uma região de intenso comércio e exímios artesãos, trocavam produtos com os egípcios o que os fortalecia economicamente e criavam condições de expansão territorial, inclusive no século VIII a.C. Com a crise egípcia e o poder dividido entre vários soberanos, Núbia dá origem a uma superpotência africana, que na história egípcia é conhecida como Dinastia Etíope





A África **apresentou o matriarcado.**

Em 591 a.C., os egípcios retomam o poder e obrigam os núbios a se deslocarem mais ao sul, o que vai marcar um dos períodos de grande reflexão da civilização Núbia.



A rainha Shanakdakhte, em 170 a.C., passa a governar a civilização, trazendo uma grande estabilidade política que, naquele momento da história, era difícil de ser conseguida, isso se deve, dentre outros fatores, ao poder moderador que a rainha tinha e ao diálogo, inclusive o poder não era hereditário como em outras monarquias da história, a coroação de reis era realizada por eleição.



Éramos assim, até os europeus chegarem.



No África, os Estados se organizam de várias maneiras, uma das mais comuns era a criação de clãs que ao longo da história se reconheciam a partir de um ancestral comum.

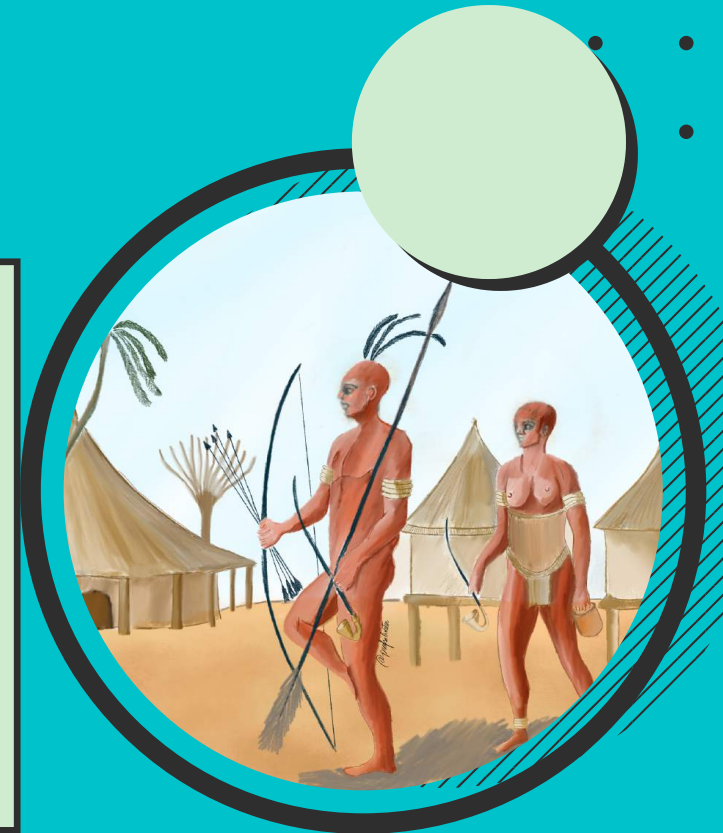
Dentre vários grupos, os lorubás, que são responsáveis por boa parte da formação cultural do povo brasileiro, eram povos que viviam da coleta harmoniosa com a floresta e se organizavam em clãs cercados de muralhas para se defenderem de ataques inimigos. As guerras eram comuns entre os povos, o que anos mais tarde vai facilitar o processo de escravidão por parte do povo europeu.

Éramos assim, até os europeus chegarem.

Muitos clãs eram ligados por redes de estradas e uma estrutura de deslocamento espacial bem complexa.


As cidades iorubás eram governadas por um rei a quem todos juravam fidelidade, além de serem hábeis escultores e terem domínio da metalurgia, criando grandes redes comerciais e cidades bastante populosas.

Anos mais tarde, com a chegada dos portugueses na região onde hoje se encontra a Nigéria, Benin e Togo, os iorubás desembarcariam no golfo de Benim, atravessariam todo o Atlântico e chegariam na Bahia, para então passarem a servir como escravos ao homem europeu.





O africano vale mais que o ouro.

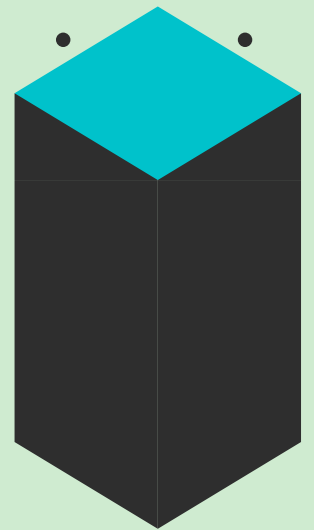


Elza Soares, ao cantar a música 'A Carne', retrata a transformação do negro num produto extremamente rentável, afinal a letra diz que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. Isso, infelizmente, a valida na história.

Os portugueses, ao chegarem na África, tinham como objetivo inicial explorarem o ouro, no entanto o comércio de escravizados passou a se tornar extremamente rentável para a coroa portuguesa.

Os europeus passaram a utilizar a estrutura de guerras que já havia entre os nativos africanos para capturar cada vez mais cativos em troca de produtos que os europeus ofereciam para os chefes de clãs.

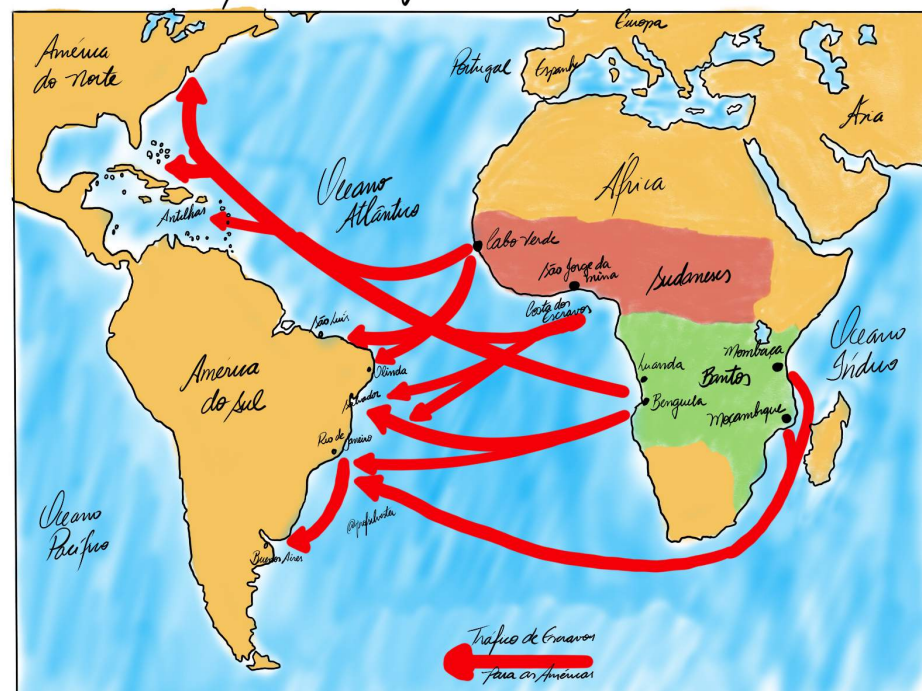
Sob a alegação da fé, os portugueses afirmavam que os cativeiros abriam para os negros o “caminho da salvação” por meio da crença.



O africano vale mais que o ouro.

As ilhas atlânticas, como Cabo Verde e Canárias forma os destinos iniciais desses africanos, porém, a partir do século XVI, muitos escravizados passaram a desembarcar em território brasileiro, pois os “negros da terra”, como eram conhecidos, os indígenas morriam em epidemias e fugiam para o interior, tornando-os muito caros para os portugueses. Com isso, a solução encontrada foi aumentar o tráfico e o sequestro negreiro para o Brasil.

O Tráfico Negreiro

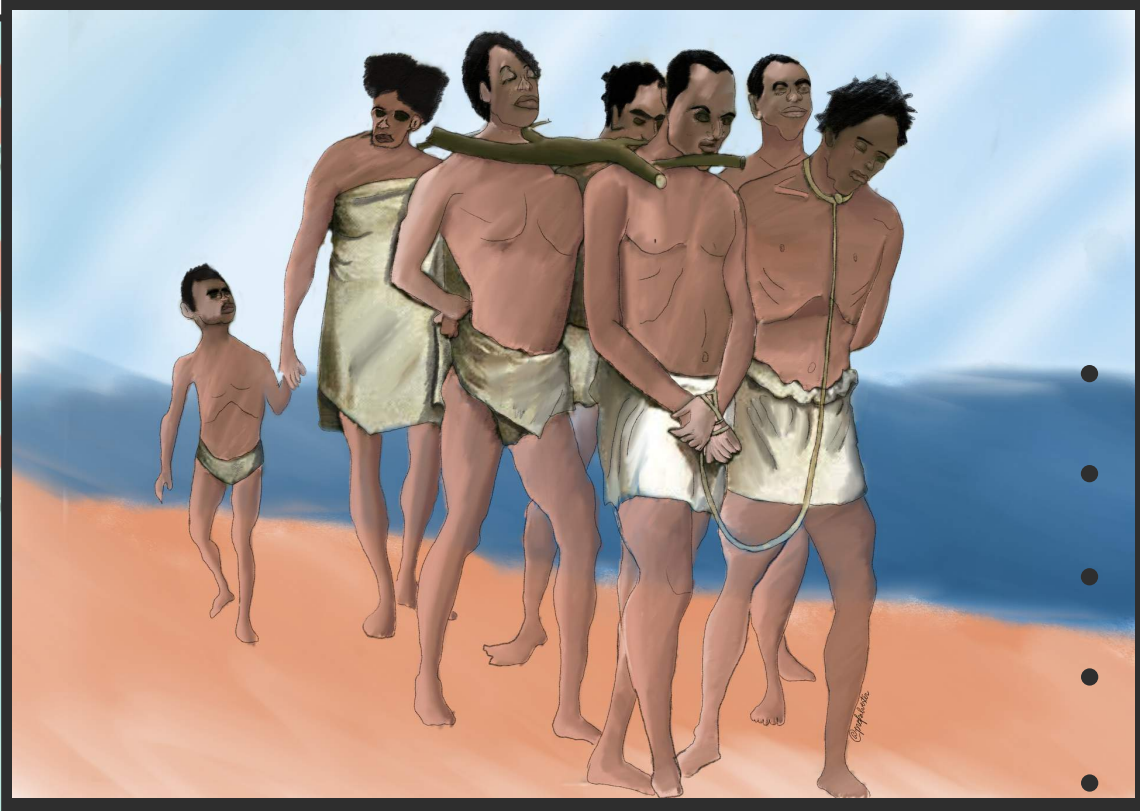


América do Norte

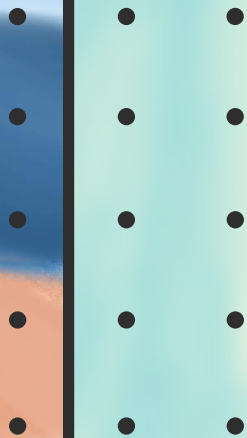
O africano vale mais que o ouro.

Assim, a diáspora africana crescia, prejudicando os antigos clãs que historicamente se desenvolveram na África, fazendo com que muitos, dado o grande fluxo negro para o Brasil, voltasse a viver de maneira nômade.

A existência de um mercado de cativos incentivou muitos chefes tribais a empreender guerras no interior da África a fim de obterem mais prisioneiros e comercializarem com os europeus em troca de produtos, sobretudo armamentos.



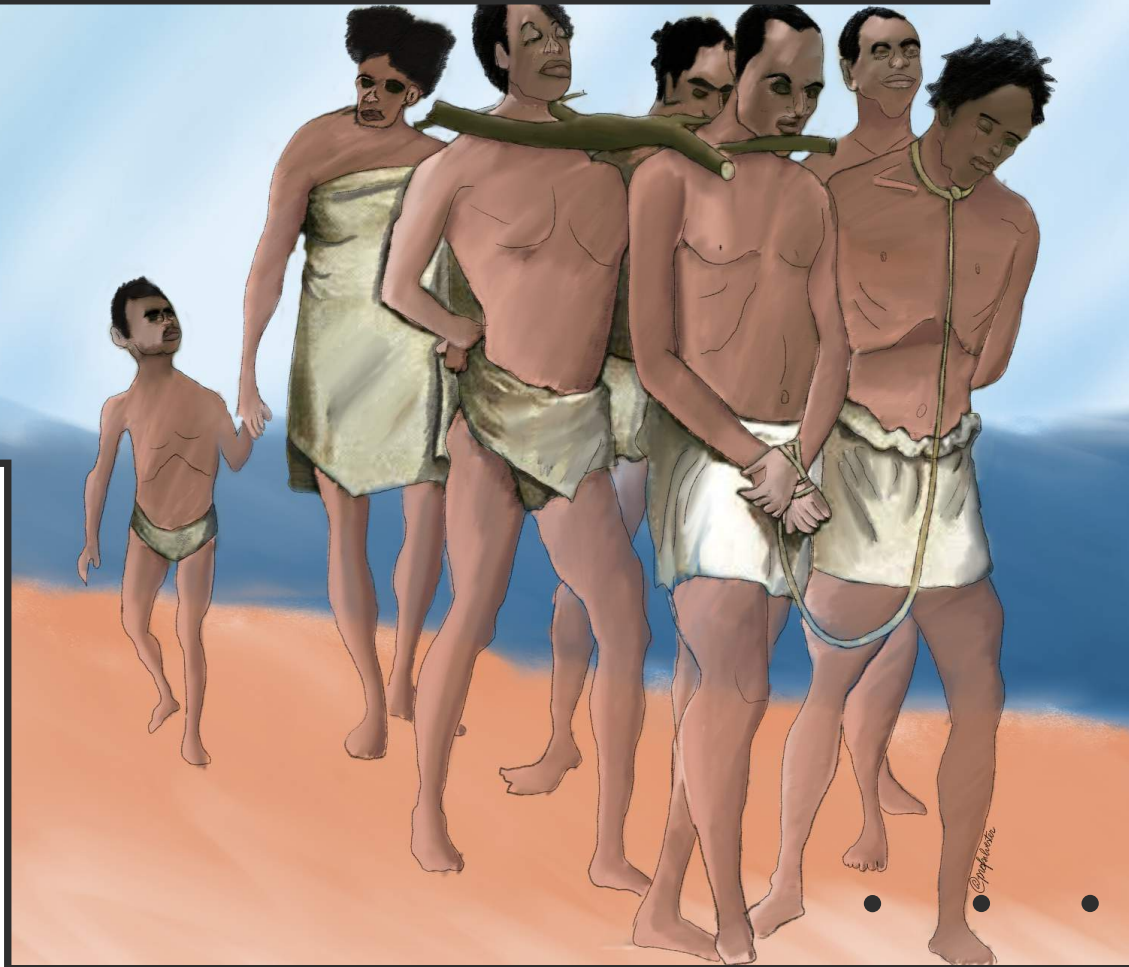
Carro dos



o africano vale mais que o ouro.

Hoje estima-se que milhões de africanos foram arrancados de seu continente entre os anos de 1500 e 1888, ano em que o Brasil decretou o final da escravidão por meio da **Lei Áurea**.

À vista disso, é fácil imaginar um futuro pouco promissor para um continente que, ao longo de três séculos, viu-se excessivamente dependente do mundo exterior.



De grandes civilizações para um produto mundial

Durante vários séculos, a África veio sendo cobiçada por diversos países europeus, se até 1880 apenas uma parte do continente estava na mão de estrangeiros, em 1914, com exceção da Etiópia e da Libéria, todo o continente estava subjugado a vontades europeias.

No fim do século XIX, o continente europeu passou a praticar o imperialismo no continente africano, interiorizando áreas que outrora eram desconhecidas por uma parcela da Europa. Esse caminho foi estruturado por dois grupos que tiveram papel fundamental no avanço imperialista na África: os missionários e os comerciantes.

Sobre a alegação de “levar luz para as trevas”, países como Inglaterra e França enviaram missionários para o continente africano, com o objetivo de catequizar e consequentemente enfraquecer a cultura local, o que facilitaria anos mais tarde o avanço colonial. Os missionários tinham boa entrada com os chefes locais, uma vez que levavam consigo técnicas de modernização agrícola e projetos educacionais.

Os comerciantes, devido ao grande capital, por sua vez, ofereciam produtos para as lideranças locais, além de servirem como força desestabilizadora no espaço, uma vez que eles concentravam o capital normalmente nas mãos de apenas um chefe tribal, dificultando o crescimento territorial de outro. Com isso, a corrida, sobretudo de diamante e matérias-primas para a Revolução Industrial, havia sido iniciada.

Pouco importa quem mora lá, vamos fatiar

A África vinha despertando interesses de várias potências europeias, o que iniciou uma corrida colonial no continente. A ideia de uma conferência de organização colonial na África partiu em 1776, de Portugal, que tinha objetivos claros de ampliar seus interesses no território. A Alemanha encampou a ideia e, sob a organização do rei Leopoldo da Bélgica, que havia levantado uma fortuna invejável sob o pretexto de levar civilização ao Congo e com um preço calculado de 10 milhões de nativos mortos ao Congo, organizou, em 1885, a Conferência de Berlim, que definiria os novos traços do continente africano.



Pouco importa quem mora lá, vamos fatiar

A Partilha da África - 1913



Treze países europeus, além do Império Otomano e Estados Unidos, sentaram-se à mesa diante de um mapa de cinco metros do continente africano e redistribuíram as áreas coloniais entre eles, sem levar em consideração a realidade local e cada povo, de cada tribo, de cada cultura. Nenhum nativo participou da Conferência.

Com o neocolonialismo trabalhando intensamente, muitos africanos resistiram aos avanços europeus sem sucesso, pois a conquista da África foi questão de tempo, uma vez que os europeus possuíam recursos tecnológicos muito mais superiores do que os africanos. Em 1902, com a ajuda de armamentos/metralhadoras, a divisão colonial estava completa.

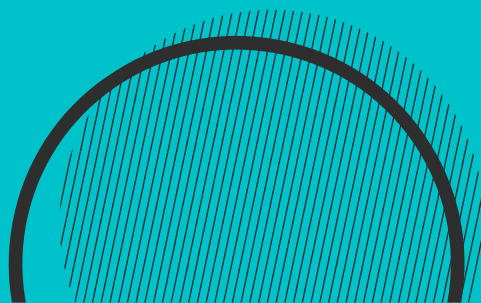


Resistência africana

Mesmo com a luta desigual, muitos líderes africanos tentaram resistir aos avanços europeus. Uma das regiões de maior resistência foi a Somália, que desde 1870 vinha sendo disputada por França, Itália e Reino Unido. O país apresenta grandes reservas minerais de ferro, bauxita, cobre e gás natural. Os chefes e sultões da região criaram nos somalis um espírito nacionalista e de unidade contra os avanços europeus, inclusive o líder Sayyd Hassan conseguiu resistir aos invasores europeus até 1920.

O mesmo ocorreu no Marrocos que, após anos de lutas sangrentas, os europeus só conseguiriam se consolidar no território no início dos anos 30, tal como a Líbia em suas lutas contra os italianos até 1932.

Contudo, mesmo com toda a resistência encontrada pelos europeus, o avanço do neocolonialismo se deu de maneira rápida e extremamente sangrenta, separando tribos, comunidades e rompendo com toda a organização política milenar dos povos africanos.





A saída dos europeus do continente africano foi apenas um capítulo da colonização.

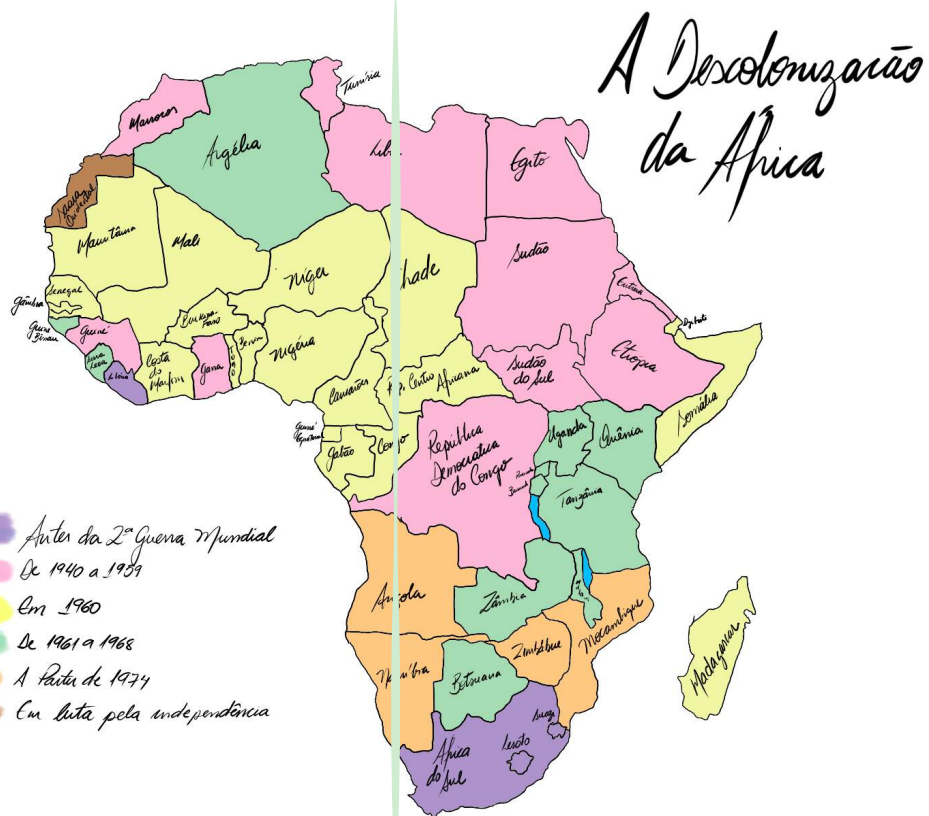
O processo de descolonização do continente africano se deu em meio às guerras mundiais. Os países europeus, devido ao grande capital humano e econômico gasto com as guerras, começaram a retirar seus tentáculos de suas colônias africanas.

O processo de descolonização europeia é marcado por uma corrida de antigos chefes tribais pelas lideranças governamentais, o que vai aflorar lutas e guerras civis.





A saída dos europeus do continente africano foi apenas um capítulo da colonização.



Uma das heranças deixadas pela partilha do continente africano foi a união de grupos étnicos que historicamente eram rivais dentro do mesmo espaço territorial, o que acendeu os ânimos conflituosos no continente.

Com a retiradas das potências europeias e a falta de identidade política, o continente africano passou a ser palco de inúmeros conflitos civis que perduram até hoje.

Por isso, ao pensar em descolonização do continente africano é importante considerar: **quem o descolonizou?**



Créditos

Ga
ba
rita

Equipe



Prof. Rodrigo Baqlini | *Texto*

@rodrigobaqlini



Prof. Silvester Dias | *Ilustrações*

@profsilvester



Prof. Thiago Charme | + *Revisor* + *Designer Gráfico*

@thyaqocharme



Jean Azevedo
Geografia



Daiana Trindade
Filosofia



Silvester Dias
Geografia



Samara Feitosa
Sociologia



Rodrigo Baglini
História



Vini Ras
Obras Literárias

@gabaritageo

www.gabaritageo.com.br

Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar.

(Da autobiografia “**O longo caminho para a liberdade**”, 1994). Nelson Mandela